

# 1

## Iniciando a pesquisa – o ponto de partida

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

(Freire, [1996] 2003: 29)

Entre em minha sala de aula com um gravador em mãos e um desejo de melhor compreender o que lá ocorria<sup>1</sup>. Apenas isso. Não tinha nenhuma questão de pesquisa específica naquele momento. Queria apenas gravar tudo o que ouvia, anotar tudo o que via para depois ver o que eu poderia fazer com toda aquela informação. A única certeza que possuía era que o meu local de pesquisa deveria ser a minha própria sala de aula, pois, desde a graduação, sob influência da querida professora Isabel, percebi a importância deste tipo de pesquisa e cultivei o desejo de investigar minha sala de aula, minha própria prática.

E assim aconteceu. Depois de acompanhar quatro aulas de língua inglesa como língua estrangeira, em um curso na cidade de São Gonçalo/ Rio de Janeiro, pude procurar algum fator que me chamasse a atenção naqueles dados, para que se tornasse o foco temático da pesquisa. Era o humor; ele estava lá em diversos momentos, diferentes situações, tantas, que percebi ser preciso entender o que aquilo significava e o que ele tinha a ver com as minhas aulas.

Os estudos do humor vêm sendo desenvolvidos de forma crescente nos últimos anos (Attardo 2003:1287). Este consiste em um tema interessante e importante, apesar de muitas pessoas reagirem de forma inesperada quando perguntavam sobre o que eu estava pesquisando no mestrado: “Ah, é? Humor na sala de aula? Legal!”, ou apenas, “Deve ser interessante.”. Tais reações pareciam

---

<sup>1</sup> Antes de tomar esta atitude, pedi autorização à diretora do curso e aos alunos participantes da pesquisa (ver capítulo 4).

demonstrar que, para estas pessoas, o humor se tratava de um tema menor ou pouco relevante para ser objeto de pesquisa de uma dissertação. Estas expressões de estranhamento das pessoas, inclusive de colegas da própria universidade, fizeram com que eu me interessasse ainda mais pelo assunto. Percebi, também, que não havia muitos trabalhos acerca do humor nas interações sociais, e, especialmente, em contextos pedagógicos; podia-se contar nos dedos o seu reduzido número. Pensei comigo mesma: como as pessoas não conseguem perceber a presença do humor nas interações em sala de aula, será que elas não brincam, não contam piadas, não riem?

Decidi que precisava contribuir para o desenvolvimento de pesquisas neste campo, pois, se o humor se faz tão presente nas nossas interações espontâneas cotidianas, e, também nas que ocorrem em sala de aula, por que não pesquisar sobre este tema? Ao reunir os dados e ouvir as fitas, notei que o que havia nas minhas aulas era um tipo de humor específico, já que não havia piadas ou histórias engraçadas. O que seria este humor, então?

Era um humor conversacional, ou humor situacional, ou ainda brincadeira conversacional, humor construído pelos participantes na interação, tendo algum aspecto da interação e/ ou do contexto como alvo. Tal fato faz com que ele se apresente de um modo fortemente ligado ao contexto no qual ocorre, sendo considerado como engraçado pelos participantes e pela analista. Vários trabalhos haviam tratado deste tipo de humor, como Kotthoff (2007), Coates (2007), Poveda (2005), Davies (2003), Boxer e Cortès-Conde (1997), Norrick (1994) e Attardo (1994), porém nenhum deles havia focado o humor da forma proposta nesta dissertação.

As perguntas que surgiram durante a realização deste trabalho, acerca do humor conversacional, na sala de aula, foram as seguintes:

- Como os enquadres de brincadeira conversacional são iniciados e finalizados? Quem os inicia e quem determina seu encerramento?
- Em que momento das aulas pesquisadas acontecem os enquadres de brincadeira conversacional? Esses momentos exercem alguma influência no conteúdo e no tipo de brincadeira conversacional apresentada?
- a) A estrutura de participação da aula e as relações de poder e autoridade existentes entre os participantes influenciam no tipo de brincadeira

conversacional realizada, ou seja, os alunos fazem o mesmo tipo de brincadeira que a professora?

b) O estilo da professora interfere neste aspecto de alguma forma?

- Quais são as conseqüências da utilização das brincadeiras conversacionais nas interações analisadas? Estas brincadeiras contribuem de alguma forma para a socioconstrução do conhecimento nesta sala de aula?

Na presente pesquisa, objetivo analisar o estabelecimento dos enquadres de brincadeira conversacional e como estes influenciam nas relações entre os participantes da sala de aula pesquisada e na construção do conhecimento. Entendo a sala de aula como um contexto situado social e culturalmente, constituído por participantes únicos, particulares, que carregam consigo toda uma bagagem social, histórica, cultural e afetiva, de forma que todos estes aspectos exercem influência nas interações em que se envolvem. A construção de conhecimento é vista como situada no processo de interação entre os participantes da aula, que se dá através do discurso (Moita Lopes, 1996)<sup>2</sup>.

Deste modo, objetivo investigar, na análise dos dados (capítulo 5), a atuação do humor conversacional nas minhas aulas de inglês. Esta sala de aula é, neste estudo, tida apenas como um tipo dentre tantos outros existentes, possuindo suas particularidades não só em relação aos participantes, mas também ao conteúdo, a língua inglesa. Não pretendo, no entanto, fazer generalizações quanto a este estudo, pois vejo que cada sala de aula possui suas especificidades e particularidades, mas busco uma maior compreensão do contexto pesquisado através da análise das interações selecionadas.

Com este estudo, objetivo compreender como o enquadre de brincadeira tem seu início e seu fim nas interações analisadas e como estes influenciam nas relações estabelecidas entre os participantes do contexto pesquisado. Partindo da análise das transcrições dos dados, procuro, também, perceber se o estilo da professora (Dettoni 1995) influencia na realização das brincadeiras conversacionais, investigando, também, se estas colaboram de alguma forma para a socioconstrução do conhecimento.

---

<sup>2</sup> Ver item 2.1.1.

Esta dissertação está inserida no campo da Linguística Aplicada (LA) como proposta por Moita Lopes (2006). Os estudos pertencentes a esta área de estudos visavam à solução de “problemas de uso da linguagem”, seja no contexto educacional ou fora dele (Moita Lopes, 1996:19). No entanto, os estudos atuais, incluindo esta dissertação, não percebem mais a Linguística Aplicada de forma tão reducionista, apenas como ferramenta para resolver problemas de uso da linguagem por ela encontrados. Moita Lopes (2006:20) assinala que “ao contrário, a LA procura problematizá-los ou criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas”. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo entender como o humor conversacional ocorre nas interações da sala de aula analisada e de que forma este influencia nestas interações.

No capítulo que se segue, inicio o estabelecimento do embasamento teórico para esta pesquisa, percebendo a sala de aula como um contexto de interação na qual ocorre a construção de conhecimento. Para isto, conto com o auxílio da Análise da Conversa e da Sociolingüística Interacional, especialmente de alguns de seus construtos apresentados neste capítulo. Apresento um breve comentário acerca da socioconstrução do conhecimento, no item 2.1.1, seguido de aspectos relevantes para a análise da fala-em-interação no ambiente educacional. Algumas características do discurso pedagógico e sua relação com a assimetria, o controle e o poder, são vistos no item 2.2.1 e, no item 2.2.2, são descritos de forma bastante sucinta os estilos de professor propostos por Dettoni (1995), que podem ser: mais formal ou mais flexível. Estes estilos são, assim, analisados com o objetivo de investigar se eles influenciam de alguma forma na ocorrência do humor conversacional nas interações analisadas. Finalmente, buscando compreender as interações da sala de aula, apresento um embasamento teórico da Sociolingüística Interacional (item 2.3), enfatizando os conceitos de enquadre (Bateson [1972] 2002; Goffman [1979] 2002; Tannen & Wallat [1987] 2002), esquemas de conhecimento (Tannen & Wallat [1987] 2002), *footing* (Goffman [1979] 2002) e pistas de contextualização (Gumperz [1982] 2002).

No capítulo 3, apresento os estudos do humor que embasaram esta pesquisa, como Coates, 2007; Poveda, 2005; Davies, 2003; Attardo, 2003, 1994; Boxer e Cortès-Conde, 1997 e Norrick, 1994. Em seguida, defino o humor conversacional (Coates, 2007; Boxer e Cortès-Conde, 1997; Attardo, 1994), meu objeto de

estudo, contrastando com um outro tipo de humor, aqui chamado de piada. Em seguida, discuto a relação do humor com a colaboração, a solidariedade e o envolvimento, finalizando com a apresentação do riso como principal resposta a um enquadre de brincadeira conversacional.

No capítulo 4, realiza-se a descrição dos aspectos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. Inicialmente é apresentada a natureza qualitativa interpretativa da pesquisa (Denzin e Lincoln, 2006; André, 1995; Moita Lopes, 1994), o papel de professor-pesquisador, e a questão do posicionamento do analista, baseada nos estudos de Eriksen e Nielsen (2007); Denzin e Lincoln (2006); André (1995); Moita Lopes (1994); Geertz (1988); e Lüdke e André (1986). Finalmente, é citada e brevemente descrita a metodologia utilizada na realização desta pesquisa, a análise sociointeracional do discurso. A seguir, descrevo o contexto no qual a pesquisa foi realizada: a instituição, a sala de aula e os participantes. Logo após apresento o processo de geração dos dados da pesquisa, os procedimentos e os recortes da análise dos dados.

Em seguida, no capítulo 5, “abro as portas da minha sala de aula” objetivando entender o uso do humor conversacional nas interações ocorridas neste contexto. Com este intuito, é desenvolvida a análise dos dados, seguindo as grandes seções, organizadas de acordo com os fatores geradores das brincadeiras conversacionais: o contexto situacional (seção 5.1), aspectos da construção de conhecimento (seção 5.2) e aspectos da relação interpessoal dos participantes (seção 5.3). Nestas seções maiores são descritas e analisadas as cenas, os fragmentos de dados selecionados para a análise (ver tabela nas páginas 69 e 70), agrupadas de forma temática, não respeitando a ordem cronológica em que se deram na interação.

Finalmente, no capítulo 6, são feitas as considerações finais acerca desta pesquisa, apontando seus principais resultados e contribuições, além de possíveis desdobramentos deste trabalho.

Com a realização desta pesquisa, espero contribuir para a área de estudos do humor nas interações verbais, ao trazer este tipo de estudo para o contexto da sala de aula, visando uma maior compreensão de como o humor conversacional aí pode atuar e quais são as conseqüências de sua utilização. Espero, também, contribuir com os estudos que buscam investigar a sala de aula, trazendo informações acerca de como o humor atua neste ambiente, além de contribuir com

a minha própria prática pedagógica, bem como a de tantos professores, alunos e/ou pesquisadores do contexto educacional. Através de um maior entendimento deste ambiente e da forma que o humor nele se apresenta e atua, os professores e alunos terão uma possibilidade de refletir sobre este tema nos seus contextos de atuação, ou seja, em suas próprias salas de aula.